

INTELIGÊNCIA FINANCEIRA: ESTUDO DE CASO COM COLABORADORES DE UMA MULTINACIONAL DE ALIMENTOS

FINANCIAL INTELLIGENCE: CASE STUDY WITH MULTINATIONAL FOOD EMPLOYEES

Nádia Ligianara Dewes Nyari^I 

Joana D'arc Alves Portela^{II} 

Geverson Tobias Böhm^{II} 

Sandra Ines Horn Bohm^{II} 

Sandro Luiz Pinheiro^{II} 

^I Centro Universitário UniLaSalle Lucas do Rio Verde, Lucas do Rio Verde, MT, Brasil. Doutora em Engenharia de Alimentos. E-mail: nadialigianara@hotmail.com

^{II} Centro Universitário UniLaSalle Lucas do Rio Verde, Lucas do Rio Verde, MT, Brasil.

Resumo: A inteligência financeira refere – se em organizar as finanças de forma equilibrada e sensata, a fim de que não ocorra prejuízos econômicos. Nesse sentido o presente estudo tem como objetivo identificar a relação entre o nível de educação financeira e o nível de endividamento dos colaboradores de uma multinacional do segmento alimentício localizada no médio norte do Mato Grosso – MT, além de avaliar o comportamento e a forma como estes administram ou empregam seus recursos, apresentando mecanismos para a apresentação de um programa de educação financeira. A pesquisa se caracteriza como de natureza aplicada, a forma qualitativa, quanto aos objetivos descritiva e explicativa, e se distingue quanto aos procedimentos técnicos como estudo de caso. Sendo realizado através de um questionário estruturado a 100 colaboradores da empresa multinacional, onde as análises estatísticas e os resultados para alcançar os objetivos do estudo indicaram que o nível de educação financeira ainda é insuficiente e insatisfatório, sendo as principais deficiências decorrentes a falta de conhecimento e consciência crítica sobre o planejamento econômico, informações suficientes sobre tipos de investimentos, orientações sobre controle de compras e uso de produtos bancários principalmente o cartão de crédito e cheque especial. Sendo assim as organizações devem se preocupar um pouco mais sobre esse tempo, visto que é de grande relevância especialmente para a economia do país, procurando – se aprofundar, desenvolvendo políticas de prevenção e conscientização sobre o endividamento e propor melhorias para que este não impacte negativamente no desempenho organizacional.

Palavras-chave: Educação Financeira. Finanças. Planejamento. Endividamento Pessoal.

Abstract: Financial intelligence refers to organizing finances in a balanced and sensible manner so that economic losses do not occur. In this sense, this study aims to identify the relationship between the level of financial education and the level of indebtedness of employees of a multinational food segment located in the middle north of



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v16i31.109>

Recebido em: 09-09-2019

Aceito em: 18-11-2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Mato Grosso - MT, as well as to evaluate the behavior and the way these manage or employ their resources, presenting mechanisms for the presentation of a financial education program. The research is characterized as applied nature, the qualitative form, as the descriptive and explanatory objectives, and is distinguished as the technical procedures as case study. Being conducted through a structured questionnaire to 100 employees of the multinational company, where statistical analysis and results to achieve the study objectives indicated that the level of financial education is still insufficient and unsatisfactory, with the main shortcomings arising from lack of knowledge and critical awareness of economic planning, sufficient information on types of investments, guidelines on purchasing control and use of banking products, especially credit cards and overdraft. Thus, organizations should worry a little more about this time, as it is of great relevance especially to the economy of the country, seeking to deepen, developing policies for debt prevention and awareness and propose improvements so that it does not negatively impact on organizational performance.

Keywords: Financial Education. Finance. Planning. Personal Debt.

Introdução

Nos últimos anos o desenvolvimento econômico aliado a estabilidade inflacionária proporcionou para que os brasileiros modificassem a maneira de como se relacionar com o dinheiro, devido especialmente a cultura de onde éramos obrigados a consumir o máximo possível, para que não ocorresse a perda do poder de compra, fato impulsionado em decorrência da alta na inflação.

Considerando o atual cenário, sobretudo as mudanças no hábito de administrar os recursos financeiros, nos deparamos a cada dia com uma infinidade de opções de produtos/serviços, ofertas cada vez mais atrativas e tentadoras, influenciada principalmente pelo aumento na oferta de crédito e produtos financeiros, como cheque especial, crediário, empréstimos, cartões, poupanças, entre outras.

Estimulada pelo consumo extremamente excessivo, se faz necessário que todos estejamos preparados para lidar com as finanças pessoais, pois ainda a muitas pessoas que contraem dívidas e comprometem grande parcela de suas rendas, não conseguindo cumprir compromissos financeiros tornando – se inadimplentes.

O endividamento segundo Marques e Frade (2003) se caracteriza pela utilização dos recursos de terceiros para fins de consumo, ao se apossar desse recurso se estabelece um compromisso em devolver, com a data estabelecida, tal montante, normalmente acrescido de juros e correção monetária (SILVA, DA SILVA, 2015), ou seja, são pessoas que não possuem conhecimentos financeiros e obtém problemas em administrar seus próprios recursos, não tendo nenhuma habilidade de lidar com dinheiro ou não se preocuparem em fazer um planejamento financeiro adequado, constituindo em trabalhar apenas para sanar suas dívidas (CLAUDINO, NUNES, SILVA, 2009).

O consumidor se endivida por diversos fatores como falta de controle nos gastos, compras para terceiros, atraso de salário, comprometimento da renda com despesas supérfluas, redução da renda, doenças, má fé e até o desemprego. Ou seja, o estímulo ao consumo é constante, e a tomada de decisão do consumidor é influenciada externamente e internamente (CLAUDINO, NUNES, SILVA, 2009), atingindo todas as classes sociais e de nível de instrução (BARBOSA, SILVA, PRADO, 2012).

Nesse aspecto entra em evidência a Educação Financeira, que de acordo com a Organização de Desenvolvimento Econômico e Cooperação (OECD, 2013) estabelece como sendo um processo pelo qual consumidores e investidores melhoraram seu conhecimento de produtos e conceitos financeiros e, através de informação, instrução e/ou aconselhamento claro, possam a desenvolver habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades neles envolvidos, e a partir disso fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e tomar outras medidas mais eficazes para melhorar a sua proteção financeira (JUBINI, SOUSA BALBINO, BESSA, 2017).

Para isso é necessário destacar a importância do conceito sobre as Finanças Pessoais, que segundo Ferreira (PADILHA apud FERREIRA, 2012) refere-se em planejar ou determinar antecipadamente o que pretendemos com o uso do dinheiro, detalhando os planos necessários para alcançar os objetivos, ou seja é a elaboração de um planejamento em que o indivíduo consiga garantir uma estabilidade financeira no futuro (PADILHA, 2012; CHEROBIN, ESPEJO, 2010).

Através dessa problemática onde a aparente preocupação com o descontrole do orçamento pessoal impacta e se refletem nas atitudes comportamentais. Assim o objeto de estudo são colaboradores de uma empresa que atualmente no mercado atual é considerada uma das maiores multinacionais no ramo alimentício e frequentemente é conceituado como uma grande geradora de empregos e renda, atraindo interessados de todas as regiões do Brasil para a região Médio – Norte de Mato Grosso.

No entanto o objetivo desse estudo é realizar uma avaliação da atual conjuntura financeira dos colaboradores dessa multinacional, de maneira que possamos identificar a forma como estes empregam seus recursos financeiros, mapeamento as principais práticas desenvolvidas com relação as questões de gestão pessoal, explorando as formas de organização e oferecendo uma possibilidade de auxílio e apoio quando ao gerenciamento econômico pessoal, visando o bem-estar, qualidade de vida e maior produtividade.

Planejamento Financeiro Pessoal

Com o advento das Revoluções Industrial e Tecnológica, o consumo se tornou cada vez mais presente na vida dos cidadãos, e essa presença tem trazido muitas preocupações, especialmente relacionadas ao planejamento financeiro. Diante disso, os gastos imprevistos e daqueles que podem ser considerados desnecessários, se considerarmos a estrutura financeira e social de cada indivíduo.

Neste sentido Frankenberg (1999) define planejamento financeiro pessoal como a fim de estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode estar voltada para curto, médio ou longo prazo, e não é tarefa simples (SOMAVILLA *et al.* 2017). Neste mesmo sentido, e corroborando com a afirmação Cerbasi (2005) assevera que

Planejar suas finanças é entender o máximo que podemos gastar hoje sem comprometer esse padrão de vida no futuro. É fazer escolhas como viver bem o presente, mesmo que isso signifique adiar o sonho de comprar determinado carro ou um apartamento mais confortável. É optar por mais anos de aluguel, viabilizando a formação de uma poupança que seria inviável durante um pesado financiamento (CERBASI, 2005).

Massaro (2015) complementa afirmando que o planejamento financeiro diz respeito à “organização geral” das finanças, controle e conhecimento do fluxo financeiro (entradas e saídas de dinheiro), e alinhamento dos recursos financeiros com os objetivos e as aspirações de vida do indivíduo ou família.

Nesse segmento, a literatura apresenta a tabela de planejamento financeiro nos moldes do que Massaro (2015) propõe, como uma excelente ferramenta que pode contribuir com a organização dos proventos e dos possíveis gastos, oportunizando também observar a possibilidade de alguma margem para possíveis imprevistos, o que reduz ainda mais a possibilidade de endividamento.

O Banco Central do Brasil (BCB, 2013) publicou uma cartilha com o intuito de contribuir com a educação financeira da população brasileira, e conseqüentemente prevenir o endividamento por mal planejamento, assim, em um dos capítulos o BCB afirma que

Para que se tenha um bom planejamento, é necessário saber aonde se quer chegar; é necessário internalizar a visão de futuro trazida pela perspectiva de realização do projeto e estabelecer metas claras e objetivas, as quais geralmente precisam de recursos financeiros para que sejam alcançadas ou para que ajudem a atingir objetivos maiores. Por isso, é importante que toda movimentação de recursos financeiros, incluindo todas as receitas (rendas), todas as despesas (gastos) e todos os investimentos, esteja anotada e organizada (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Assim, fica claro que ao desenvolver um método que possibilite a organização das receitas e das despesas, é possível observar que a diferença resultante das movimentações anteriores é o percentual que o cidadão tem para poder empregar em outras áreas, mas é importante ressaltar que em primeiro lugar deve ficar as despesas com serviços essenciais (saúde, educação e alimentação, por exemplo), seguidos de uma margem para possíveis imprevistos e por fim aquilo que se poderá destinar a outras finalidades.

Para o Banco Central do Brasil (2013), uma das maiores causas do endividamento dos cidadãos brasileiros é o mau planejamento financeiro, principalmente no que se refere a reserva para uma eventual emergência. A maioria da população não se prepara e ao se deparar com esse tipo situação, recorrendo de forma momentânea às Instituições Bancárias e/ou Cooperativas de crédito, a fim de solicitar possível empréstimo pessoal. Muito embora seja uma solução rápida para um imprevisto, o empréstimo pessoal gera uma despesa ao longo prazo para o cidadão e como consequência acaba comprometendo seus rendimentos futuros.

Exatamente para evitar situações como essas, que o presente estudo de conclusão de curso apresenta a seguir alternativas de gestão inteligente financeira, como uma ferramenta para a organização financeira pessoal, a fim de evitar o endividamento inesperado e principalmente auxiliar na construção de uma consciência crítica em relação a correta aplicação dos proventos recebidos mensalmente.

Inteligência Financeira

Durante toda a trajetória do presente estudo, tem-se afirmado e reafirmado sobre a importância da organização dos rendimentos e gastos pessoais, como uma forma de auxiliar na prevenção do endividamento do cidadão. Contudo, isso só é possível a partir do momento em que ele passa a realizar uma reflexão sobre sua vida financeira e quais os meios que podem ser utilizados para que seus objetivos/metasp sejam alcançados.

Para isso, é de fundamental importância que o sujeito passe a estudar seu orçamento, levando sempre em consideração os gastos considerados essenciais a sua sobrevivência, e que poderão ocorrer eventuais emergências, necessitando assim estar precavido e preparado. A essa ação, dá-se o nome de educação financeira, que segundo a literatura é o controle emocional e racional da aplicação da diferença entre os rendimentos e gastos essenciais.

Neste sentido Cerbasi (2012) afirma que

Seu planejamento financeiro familiar não será eficiente se você não tiver equilíbrio orçamentário, o que se traduz em gastar menos do que ganha e investir a diferença com regularidade. Alcançar e manter o equilíbrio orçamentário mês a mês é fundamental para viabilizar a realização de seus sonhos, já que os sonhos têm custo.

Compreender esse princípio do equilíbrio é o ponto norteador para o sucesso do planejamento e os primeiros passos para alcançar a inteligência financeira. Entretanto, embora se apresente como uma maneira rápida de organização das receitas, a inteligência mencionada anteriormente só pode ser alcançada por meio da educação financeira, que consiste na análise frequente dos gastos mensais a fim de viabilizar pequenos fluxos, que pode ser alcançado por meio do estudo das prioridades de consumo.

Para Cerbasi (2012) uma boa educação financeira contribui para que o cidadão compreenda que tudo na vida deve ser planejado, e como tal, destinar cerca de 5% de seu rendimento mensal para um possível imprevisto seria o suficiente para evitar que em uma situação emergencial se recorra a um empréstimo pessoal. Todavia a construção de uma consciência crítica financeira vai além da reserva de dinheiro, compreendendo assim todo o universo financeiro pessoal, como uma forma de ter perspectivas para um crescimento futuro e a materialização dos sonhos, ou por outro lado, a ausência dela pode levar a frustração, endividamento e a desconstrução das metas planejadas.

Contudo Cherobim (2010) apresenta uma preocupação relacionada a facilidade do acesso ao crédito pessoal para os colaboradores das empresas de grande e médio porte, uma vez que no primeiro indício de dificuldade financeira o cidadão pode procurar essas instituições de crédito e, em qualquer planejamento ou estudo dos impactos futuros, solicitar o recurso

financeiro. É importante ponderar que a preocupação não está na facilidade do crédito, mas na falta da educação financeira, que pode incorrer no endividamento.

Gianetti (2005) pontua que a educação financeira, nem sempre é alcançada exclusivamente pelo cidadão, muitas vezes ele necessita de auxílio especializado para poder compreender sua situação econômica e aprender a desenvolver métodos que contribuam para seu planejamento de modo a afastar os gastos desnecessários.

Para isso, as empresas que oportunizam o acesso ao crédito fácil, também deveriam desenvolver políticas educacionais nesse segmento, oportunizando serviços de apoio, auxílio e suporte, informando para que aqueles que recorrem aos seus serviços saibam que a aquisição deles também gerará impactos financeiros não planejados, podendo assim comprometer o orçamento futuro (SILVA *et al.*, 2016).

Neste caminho, a pesquisa visa compreender quais são as prioridades adotadas pelos colaboradores da empresa na hora de organizar seu orçamento mensal e posteriormente apresentará a empresa de crédito sugestões no desenvolvimento de uma política eficiente e adequada sobre referente à educação financeira, principalmente para que aqueles que buscam um auxílio mais especializado, compreendendo, contudo, os resultados que suas ações ocasionarão.

Comportamento Consumista

A instabilidade financeira na vida de um indivíduo começa a partir da construção do espírito consumista, que segundo Retondar (2008) caracteriza-se, antes de tudo, pelo desejo socialmente expandido da aquisição “do supérfluo”, do excedente, do luxo. Para o autor, o primeiro passo para o endividamento, se dá pelo mau planejamento financeiro que inclui entre outras coisas, aquilo que é essencial a sua sobrevivência, e justamente neste ponto que as pessoas perdem o controle, pois acabam sendo atraídas por uma suposta necessidade de consumo.

Ainda sobre este assunto o Retondar (2008) complementa afirmando que,

Dentro dessa perspectiva, o consumo deixa de ser uma variável dependente de estruturas e processos a ele externos e passa a se constituir enquanto campo autônomo, caracterizando-se como importante objeto do conhecimento no âmbito das ciências sociais contemporâneas, especialmente no campo dos estudos sobre a cultura (RETONDAR, 2008).

Justamente neste caminho, que o presente estudo de conclusão de curso pretende trabalhar, compreendendo quais são os principais elementos e/ou serviços que os entrevistados empregam uma parcela – não programada – de seus rendimentos.

Para Ortigoza e Cortez (2009) o espírito consumista surge da influência do mercado, da moda e da propaganda, que direciona suas ações a suprir suas vaidades de maneira a sempre se sentir tentado a adquirir algo novo, para poder manter determinado *status* social.

O consumo transformou-se em uma compulsão e um vício, estimulados pelas forças do mercado, da moda e da propaganda. A sociedade de consumo produz carências e desejos, tanto materiais quanto simbólicos, e os indivíduos passam a ser reconhecidos, avaliados e julgados por aquilo que consomem, vestem ou calçam, pelo carro e pelo telefone celular que exibem em público. Tal posicionamento acaba levando a um ciclo vicioso, em que o indivíduo trabalha para manter

e ostentar um nível de consumo, reduzindo o tempo dedicado ao lazer e a outras atividades e relações sociais. (ORTIGOZA, CORTEZ, 2009).

Portanto, é possível notar que as ferramentas e estratégias de *marketing* adotadas pelas empresas, têm contribuído para que as pessoas sejam persuadidas pela pseudonecessidade de adquirir algo sem ter se planejado, o que acarreta no endividamento.

Para autores como Machado (2007), Retondar (2008), Ortigoza; Cortez (2009), Silva (2014), Mauro (2016) e Silva *et al.* (2016) esse comportamento surge da necessidade de produção de uma satisfação momentânea, podendo ser ela biológica ou simbólica, e em alguns casos podem gerar também certo grau de insatisfação e decepção pelo emprego inadequado dos proventos.

Retondar (2008) afirma que

A própria categoria “consumidor”, em seu sentido abstrato e universal, parece estar sendo colocada em xeque em favor de variações que pressupõem uma multiplicidade de características sociais e culturais como sexualidade, etnia, identidades, gostos, etc., que são distintamente atribuídas pelos mais diversos segmentos consumidores, tanto pela publicidade quanto pela organização dos departamentos de marketing, que se tornaram decisivos nas empresas no sentido de orientar a própria atividade produtiva (RETONDAR, 2008).

No entanto, o que fica em evidência é a necessidade do desenvolvimento de ações que possam contribuir com a formação financeira-educacional, de forma que visa a contribuir para que os cidadãos possam estudar e planejar suas finanças adequadamente, especialmente com relação a aplicação de seus rendimentos, inclusive se preparando para eventuais imprevistos.

Neste caminho, seria interessante que as empresas, sobretudo as de médio e grande porte – por possuírem maiores recursos – desenvolvessem mecanismos em relação às políticas educacionais financeiras, de forma a acompanhar seus colaboradores e propiciar alternativas que maior compreensão suas finanças pessoais e assim desenvolverem alternativas para si, o que a literatura denomina como gestão de inteligência financeira, como objetivo do planejamento adequado das despesas e gastos pessoais.

Metodologia

Para os efeitos deste estudo, a pesquisa empregada primeiramente foi de abordagem bibliográfica, que abrange o uso de registros disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, estudos, teses, etc. Emprega o uso de categorias teóricas anteriormente trabalhadas por outros pesquisadores (SEVERINO, 2007).

Para o desenvolvimento seguiu uma abordagem qualitativa-quantitativa, uma vez que a pesquisa envolveu a realidade social e, por conseguinte demonstrou por meio de gráficos os resultados gerais. O método quantitativo enfatiza a utilização de dados padronizados que permitem ao pesquisador elaborar sumários, comparações e generalizações; por isso mesmo, a análise de dados é baseada no uso de estatísticas (SEVERINO, 2007; SILVA *et al.*, 2016).

Para o autor, o uso do método quantitativo deve ser introduzido quando o projeto busca (em números) o grau de satisfação do cliente quanto ao atendimento a ele prestado (JONES apud SEVERINO, 2007). De acordo com Rodrigues (2007) essa técnica aborda um conjunto de processos utilizados pela Ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva de conhecimento de forma sistemática.

Quanto aos métodos de pesquisa refere-se a uma pesquisa descritiva e as técnicas através da pesquisa de campo e coleta de dados e informações, além de uma observação sistemática (*in loco*) para complementar e nortear os conhecimentos sobre o tema.

A pesquisa estabeleceu como limite de amostra, colaboradores de uma empresa multinacional de alimentos localizados no Médio Norte do Mato Grosso, a escolha da população alvo da pesquisa foi de forma aleatória, com colaboradores de diferentes cargos ocupados na companhia, para maior entendimento da elevação do problema. Os questionários foram desenvolvidos com o objetivo de identificar a situação financeira dos colaboradores e a formas como os mesmos gerenciam seus recursos.

Após o levantamento dos dados necessários, realizou-se um estudo de caso com aplicação de um questionário a 100 (cem) colaboradores e posteriormente os dados foram analisados e apresentados na discussão de resultados. Desta forma, o propósito da amostragem é construir um subconjunto da população que é representativo nas principais áreas de interesse da pesquisa. A amostra é extraída de forma justa, garantido que cada um dos interessados tenha a mesma chance estatística de ser incluído na amostra (ROESCH, 1999).

Resultados e discussões

A apresentação dos resultados é dada por partes através dos dados coletados, por meio da aplicação de questionário elaborado por uma plataforma on-line de pesquisa (denominada *Google Forms*) com perguntas sintéticas e objetivas. A coleta e amostra compreendem um universo de 100 (cem) funcionários de diversos setores da empresa alimentícia, buscando identificar a situação financeira e econômica dos colaboradores.

As perguntas objetivaram induzir o entrevistado a refletir sobre os aspectos abordados, buscando de fato assegurar a veracidade das informações, assim com a importância da inteligência financeira em um todo.

Perfil socioeconômico dos entrevistados

Para a definição do perfil socioeconômico dos colaboradores foram aplicadas questões fechadas, visando identificar itens importantes, tais como sexo, a idade, o estado civil, a formação escolar, o tempo de atuação da empresa, cargo ocupado. Partindo para os resultados, a pesquisa mostra que 52% dos entrevistados foram do gênero feminino e 48% masculino com idade inferior a 20 anos (16%), entre 21 a 30 anos (52%), 31 a 40 anos (22%) e com idade superior a 40 anos (9%), representando uma maturidade financeira distinta.

Com relação ao o estado civil dos entrevistados, se representa com grande maioria é solteiro (39%), casados/união estável (36%), divorciados (26%) e viúvo (1%). A respeito a escolaridade dos entrevistados, nos apresenta de forma interessante, onde com 23% possui ensino fundamental incompleto, 15% ensino fundamental completo, 10% ensino médio incompleto, 35% possuem ensino médio completo, 13% superior incompleto e 4% ensino superior completo.

Os resultados mostram que 71% dos entrevistados vivem em moradias onde pagam aluguel, 11% possuem sua casa financiada, 7% moradia cedida e 6% em residência própria. No entanto 3% dos entrevistados residem sozinho, 33% com até 2 pessoas, de 2 a 3 pessoas com 48%, 1% mora em 4 pessoas e superior a esse número de pessoas 15%.

No entanto quanto ao tempo de atuação dos colaboradores na empresa de é possível perceber que 12% inferior estão inferior a 1 ano de atuação na empresa, de 1 a 2 anos de atuação (23%), 3 a 4 anos nesse período ainda se busca estabilidade (26%), 5 a 6 anos (21%) com uma carreira construída na organização e ao passo que 17% estão com 7 a 8 anos de atuação o que se classifica como período estabilizado.

Além disso, é possível identificar que o percentual de entrevistados com estabilidade na empresa é bastante significativo, essa estabilidade promove uma estabilidade financeira. No entanto a estabilidade traduz-se no direito em manter o emprego, ou seja as pessoas são consideradas pela empresa o maior patrimônio, definindo como capital humano, ou seja são os recursos, isto é, portadores de habilidades e conhecimentos, que auxiliam no processo produtivo e crescimento empresarial, onde buscam valorizar o seu potencial para desenvolvimento pessoal a fim do êxito profissional (ANDRADE, 2012).

A Tabela 1 destaca em números de cargos ocupados na empresa pelos colaboradores entrevistados, podendo notar-se que a pesquisa alcançou diferentes níveis hierárquico dentro da corporação.

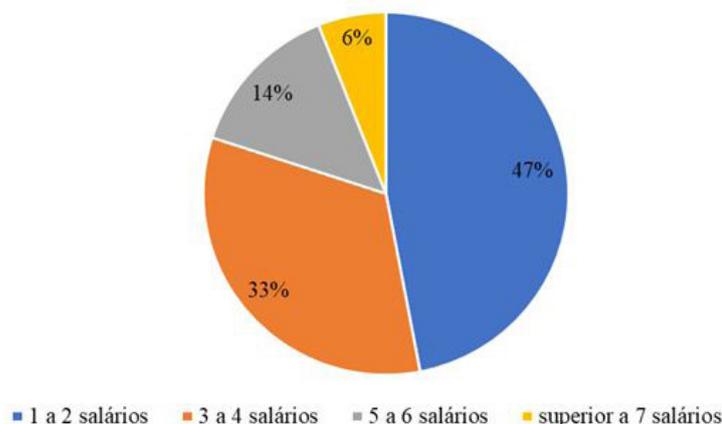
Tabela 1 - Cargo ocupado na empresa e número de entrevistados

| Cargo Ocupado na Empresa | Número de Entrevistados |
|----------------------------------|--------------------------------|
| Operador de produção | 64 |
| Líder | 05 |
| Encarregado | 04 |
| Supervisor | 02 |
| Técnico da Garantia de Qualidade | 06 |
| Administrativo/ Secretária | 03 |
| Eletricista | 05 |
| Operador de Refrigeração | 11 |
| Total | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Na Figura 1 é apresentado os resultados das pretensões salariais ou remuneração dos entrevistados, quando se refere a renda ideal.

Figura 1- Faixa salarial líquida mensal dos colaboradores da empresa

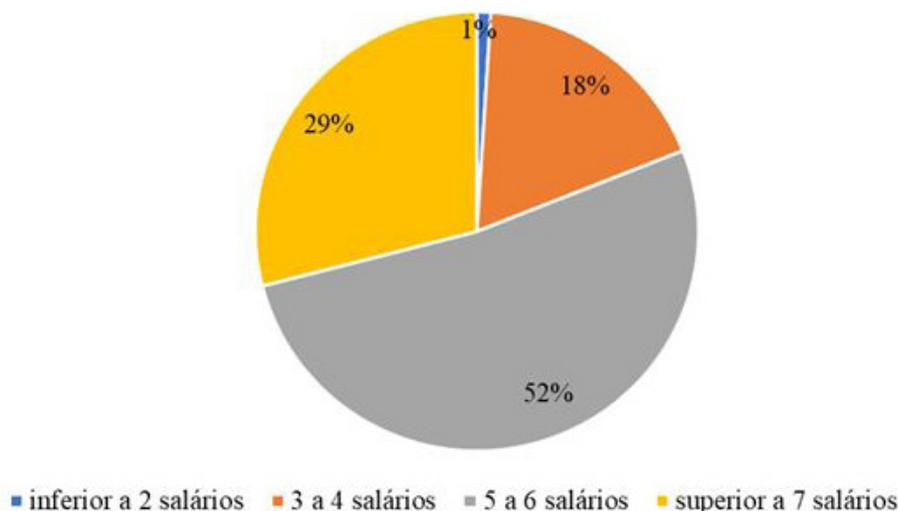


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observa-se que a maioria dos entrevistados (47%) possuem uma faixa salarial de 1 a 2 salários mínimos, 33% entre 3 a 4 salários, 14% na faixa salarial de 5 a 6 salários e 6% ganha acima de 7 salários mínimos. Essa diferença é muito significativa e exibindo a relação remuneração com o cargo ocupado e tempo de atuação dentro da empresa, sendo fatores determinantes para promoções e rendimentos salariais.

De acordo com estudo realizado por Trindade *et al.* (2010) o endividamento identificando a influência de fatores como o materialismo, status social, preocupação, estabilidade, prazer, poder, orçamento e ilusão, que possuem correlação com a propensão ao endividamento, sendo que apenas o fator orçamento apresenta correlação negativa (RUBERTO *et al.*, 2013). Ou seja, o endividamento pessoal não está diretamente ligado à renda do indivíduo, e sim à forma como ele administra as suas receitas e despesas (SILVA, SOUZA, FAJAN, 2015). A Figura 2 apresenta a Renda ideal para melhorar a qualidade de vida dos colaboradores da empresa.

Figura 2 - Rendimento ideal para melhorar a qualidade

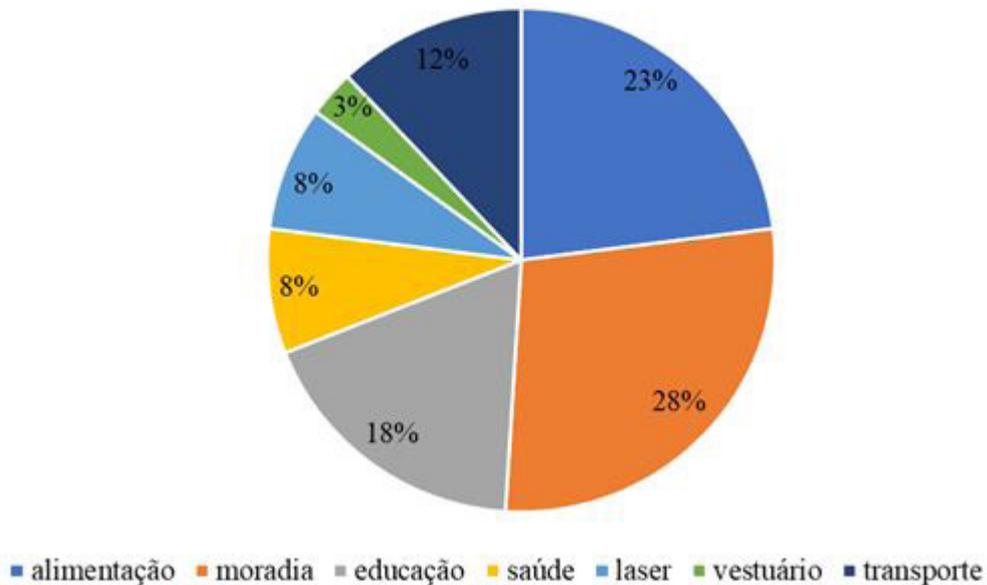


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Da análise dos resultados nota-se que para 52% dos entrevistados afirma que para uma melhor qualidade de vida a renda ideal seria de 5 a 6 salários mínimos, 29% superior a 7 salários, 18% entre 3 a 4 salários e 1% inferior a 2 salários mínimo. A Remuneração salarial não é o único fator que determina a satisfação de um colaborador, ou seja, o salário é um dos principais requisitos para que o profissional se sinta realizado em seu trabalho. Segundo Andrades (2012), o salário é uma demonstração objetiva do quanto à empresa valoriza o trabalho de seu funcionário.

Silva, Souza, Fajam (2015) destaca que o sonho de consumir vai se transformando em pesadelo se caso não houver um controle financeiro adequado, incentivando assurgir um universo de consumidores endividados que, muitas vezes, seduzidos pela publicidade de dinheiro rápido, fácil e sem burocracias, tornam-se escravos de suas próprias dívidas. A pesquisa ainda questionou onde os entrevistados gastam seu salário ou rendimento (Figura 4).

Figura 3 - Formas de gastar o salário.

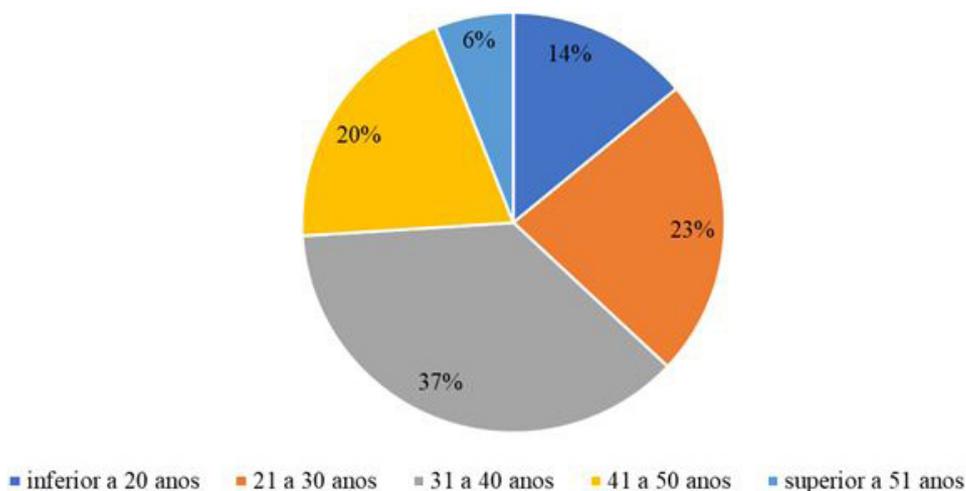


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Os entrevistados gastam seu dinheiro com alimentação (24%), com vestuário (3%), com a saúde (5%), transportes (12%), educação (18%), moradia (28%) e lazer (8%). Conforme Ferreira (2008), as pessoas frente a incertezas futuras, recorrem a um planejamento financeiro. Sendo assim é possível organizar de forma precisa o orçamento e preparar a renda, de forma que os maiores gastos vão ser supridos.

Para Lopes *et al.* (2017) quanto maior for a capacidade de viver dentro do orçamento pré-definido ou estipulado, maior será sua liberdade, ou seja, um sistema eficiente proporciona vantagens como motivação, educação e disciplina. A Figura 5 demonstra a idade em que os colaboradores da empresa costumam se preocupar com o futuro financeiro.

Figura 4 - Idade ideal para se preocupar com a aposentadoria

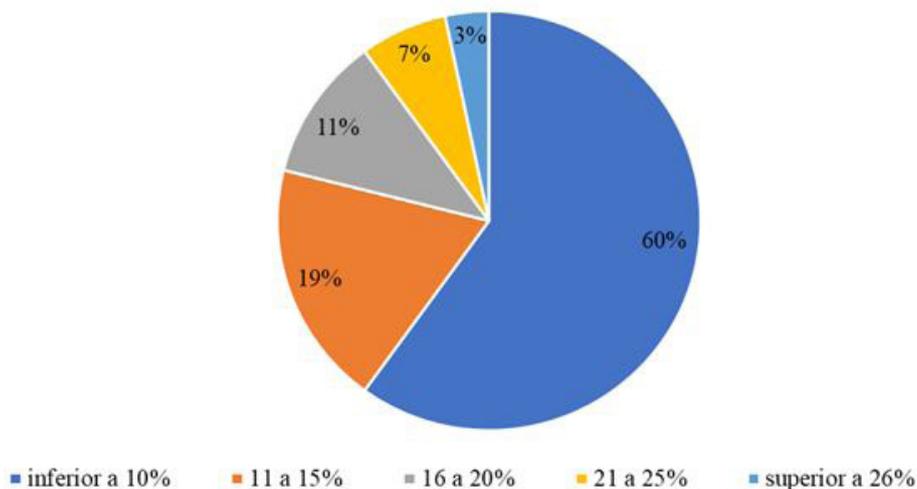


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observa-se que 37% da amostra afirmam que a partir 31 a 40 anos, 23% a partir dos 21 a 30 anos, 20% dessa amostra de 41 a 50 anos, apenas 14% acredita que desde o primeiro emprego precisa se preocupar com a aposentadoria, apenas 6% acima dos 50 anos. O planejamento financeiro deve ser elaborado em tempo presente acarretando resultados em tempo futuro, a fim de obter de certa forma tranquilidade econômica. No entanto apesar de pouco explorado, este tipo de planejamento está presente na vida diária, mesmo no inconsciente é elaborado um projeto mentalmente para que o salário dure até o próximo pagamento (LOPES *et al.*, 2017).

Silva, Souza e Fajan (2015) enfatiza que o controle financeiro significa Planejar ou traçar um plano, programar ou projetar, implicando, portanto, em projetos e planos destinados a utilizar os recursos no futuro de maneira eficiente, evitando-se dívidas e financiamentos. Portanto identifica o caminho necessário a ser percorrido para se obter um determinado fim, sem que isso ponha em risco a saúde financeira. A Figura 6 apresenta quanto em valores os colaboradores da empresa costumam economizar.

Figura 5 - Percentual mensal que costumam economizar

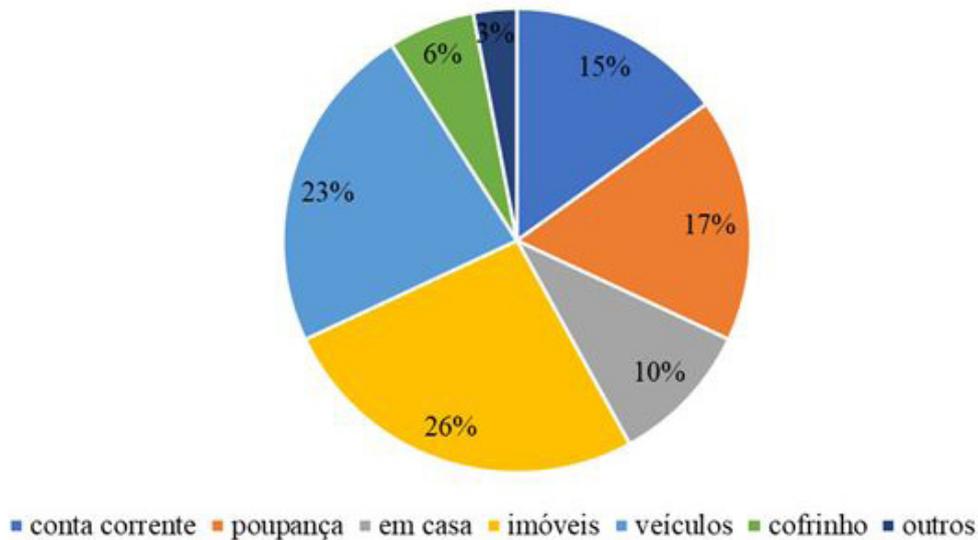


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De acordo as respostas que vêm consubstanciadas é possíveis compreender que com base nos resultados analisados torna-se visível a falta de prática na inteligência, visto que os entrevistados possuem estabilidade e recursos para isso, porém não costumam praticar seu conhecimento, podemos observar como chama atenção o total da pesquisa de 60% economizam inferior a 10% do total, isso seria o mínimo para um planejamento financeiro, seguindo 19% que afirma nada poupar ou economizar entre 11 a 15%, isso nos leva a refletir uma vez que poupar proporciona segurança.

Enquanto que 11% afirmam poupar entre 16 a 20%, lembrando que poupar é a forma inteligente para segurança nos momentos de necessidade, 7% entre 21 a 15% e 3% guarda mais de 26% do total dos seus rendimentos. Segundo Junior, Melo, Silva (2018) poupar deve se tornar um hábito durante a vida, mudar de atitude requer grande esforço, no entanto as recompensas são excepcionais, sendo um recurso que especifica receitas, gastos e investimentos a fim de atingir os objetivos propostos, sejam eles, financeiros, sociais, econômicos ou emocionais. Ainda foi interrogado qual seria a melhor opção ou forma de guardar dinheiro (Figura 7) escolhida pelos colaboradores da empresa.

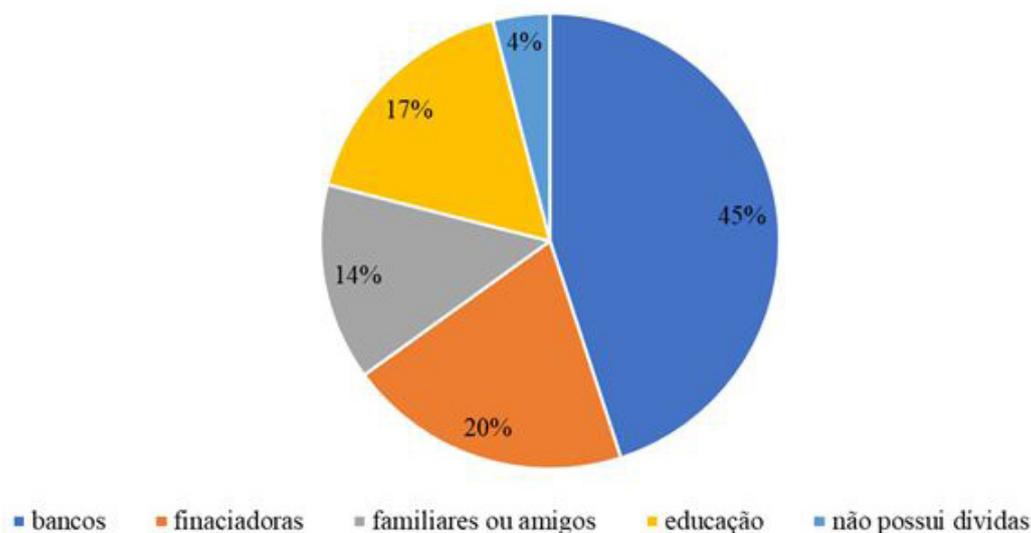
Figura 6 - Forma escolhida para guardar dinheiro



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Para uma situação de emergência os entrevistados afirmam que seria interessante guardar o dinheiro em conta bancaria, 20% poupança bancária, 18% guardam em casa e com 18% outros, apenas 11% acreditam que guardar em cooperativas de créditos seria a melhor forma, e 7% acreditam que investir em veículos e imóveis seria a melhor forma e 1% cofrinho. A Figura 8 apresenta as principais dívidas e prestações que os entrevistados possuem.

Figura 7 - Dívidas contraídas



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

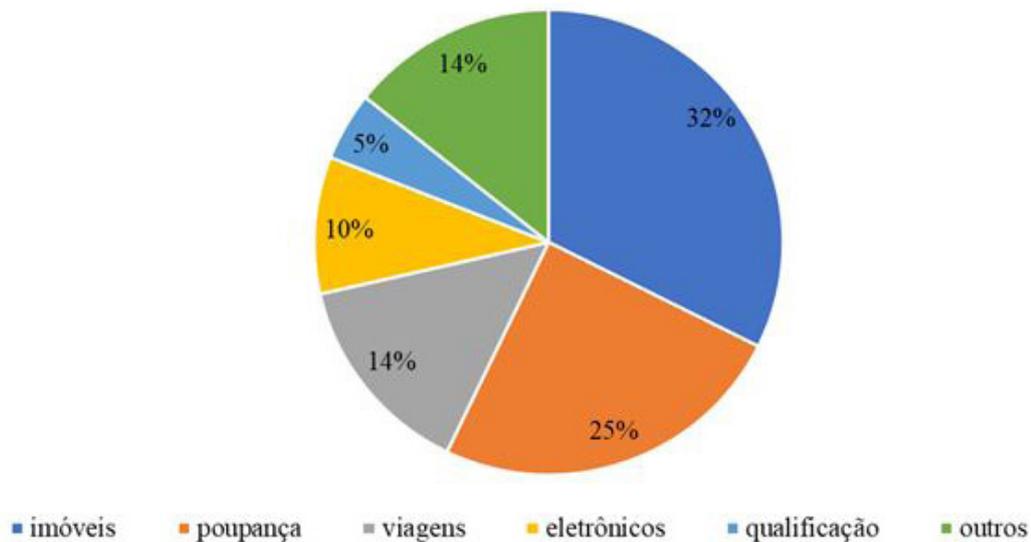
A maioria 45% atribuiu a bancos e 20% a financiamentos, 14% dos entrevistados citaram amigos e familiares, seguido com 17% em educação e apenas 4% não possuem dívidas. A pesquisa questionou nos últimos 12 meses com qual frequência os entrevistados estiveram sem dinheiro insuficiente para tratamento de saúde (52%) afirmam nunca terem passado por essa situação, 42% algumas vezes passaram por essa situação, 3% frequentemente e 3% não passaram por essa situação

Foi questionado a forma que os entrevistados realizam o pagamento de suas dívidas, destes 53% utilizam apenas dinheiro e boleto, 34% utilizam cartão de débito, 7% cartão de crédito, 2% carnê ou crediário e 4% outras formas de pagamento.

De acordo com Silva, Souza, Fajan (2015) a dívida é o resultado de um empréstimo, e ao final do prazo estipulado deve ser devolvido o principal acrescido de juros; normalmente, são realizados pagamentos periódicos ao longo do período de vigência do empréstimo, enquanto que o endividamento é considerado o somatório do passivo.

Segundo a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC – Nacional, 2019) o percentual de famílias com dívidas aumentou em 2019 em 62,7% especialmente com relação ao cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro. Estimativa de famílias inadimplentes foi de 25,0%, onde declaram não ter condições de pagar suas contas ou dívidas em atraso e que, portanto, permaneceriam inadimplentes. No entanto quando as alternativas de investimentos optadas pelos colaboradores da empresa são apresentadas na Figura 9.

Figura 8 - Possíveis alternativas de investimentos



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

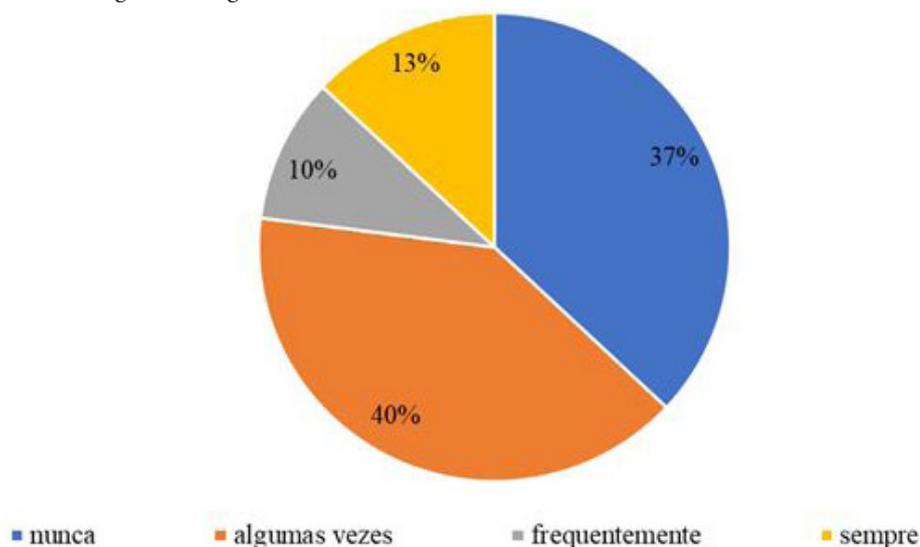
Os resultados apresentados mostram que o percentual de 32% afirma que um investimento primordial é em imóveis, seguindo 25% em poupança, 14% apostam de viagem de férias e 10% em eletrônicos, 5% em uma possível qualificação e 14% outros tipos de investimentos. Podemos perceber que se tratando de investimento para retorno financeiro fica claro que grande parte da amostra tem pouco conhecimento do que de fato pode trazer retorno financeiro através de um investimento.

Segundo Margiotta e Megale (2013) para evitar que ocorram incidentes, como gastar mais do que recebem e o coloquem no vermelho, é necessário fazer um fundo de emergência em uma conta de fácil acesso, de preferência conta -poupança individual, onde os rendimentos são livres de impostos e você pode sacar o valor depositado imediatamente quando precisar.

De acordo com a revista Guia Pessoal (2013) que começa a fazer uma reserva, tem pouco dinheiro e não está acostumado com o mundo das finanças, a poupança ainda é a melhor alternativa em termos de baixo risco e pouca liquidez. Outra forma de se prevenir em casos de desempregos, fim de contrato de trabalho ou afastamento por doença ou acidente é a previdência pública ou privada que oferece auxílios para esses casos além de aposentadoria.

Para Oliveira e Kaspczak (2013) os principais investimentos realizados relacionados às finanças pessoais são a caderneta de poupança, certificados de depósito bancário, fundos de investimentos e mercados de ações. Outro questionamento os entrevistados confirmaram não possuir dinheiro suficiente para despesas domésticas, onde 61% afirma que algumas vezes passaram por essa situação e 39% nunca passaram por essa situação. A Figura 8 apresenta os pagamentos realizados dos colaboradores da empresa de faturas mínimas do cartão de crédito.

Figura 9 - Pagamentos realizados de faturas mínimas do cartão de crédito

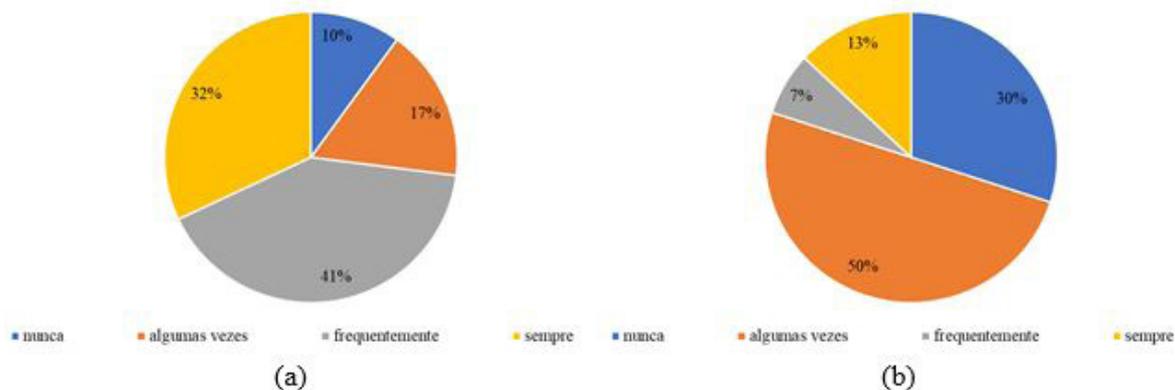


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De acordo com a Figura 8, pode-se notar que 40% algumas vezes passaram por essa situação, 37% nunca passaram por isso, 10% frequentemente e 13 sempre passam por esse tipo de situação. De acordo com Silva, Souza, Fajan (2015) o fato de tantos consumidores possuírem dívidas no cartão de crédito é decorrente da falta de educação financeira e do crédito fácil, tornando – se uma armadilha para aqueles que não planejam a forma de investir sua renda, já que são levados a comprar por impulso, mesmo sem ter o dinheiro necessário para realizar esta compra. No entanto hoje em dia já se tornou comum o fato de consumidores receberem cartões que nem mesmo solicitaram, comprovando que as instituições financeiras, utilizando-se de publicidades agressivas, ofertam crédito indiscriminadamente, aumentando a dívida dos consumidores.

A Figura 9 apresenta o questionamento quanto frequência com que usa do cartão de crédito (Figura 9a) ou o cheque especial (Figura 9b) por parte dos colaboradores da empresa nos últimos 30 dias.

Figura 10 - Utilização do cartão de crédito (a) ou do cheque especial (b)



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

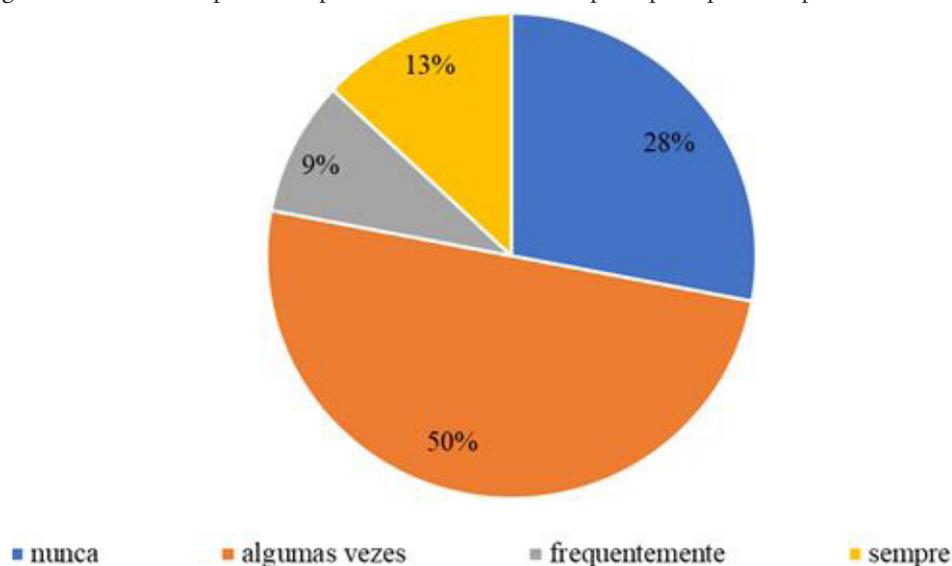
A frequência o uso do cartão de crédito (a) apresentou 41% frequentemente, 32% sempre, 17% algumas vezes e 10% nunca utilizou ou não tem o costume de usar em um período de 30 dias. Analisando a Figura 9 (b), é possível perceber que 50% da amostra afirmamos que passaram por essa situação algumas vezes, 30% nunca passaram por isso, 13% não possuem cheque especial, apenas 7% frequentemente passam por essa situação. Devido à análise de a situação apresentar de forma significativa mostrando que metade dos entrevistados entra no cheque especial algumas vezes, sabe-se que essa medida é usada apenas em emergência em curto prazo.

De acordo com Santana e Funchal (2019) o aumento do uso do cartão de crédito tem sido acompanhado pelo crescimento das dívidas com cartão, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento, tornando-se fonte de preocupação para gestores de políticas públicas, órgãos de defesa dos consumidores, acadêmicos e profissionais.

A literatura tem associado os problemas do uso do cartão e do cheque especial de forma inadequada, descontrolada e compulsiva, provocando o endividamento e a inadimplência, envolvendo muitas vezes sentimentos de aspectos emocionais como a autoestima, ansiedade, impulsividade e o materialismo, aspectos cognitivos e comportamentais destacam-se a quantidade de cartões possuídos, as contas, disponibilidade (facilidade de acesso), uso do crédito rotativo e uso inadequado do cartão (MANSFIELD, PINTO, ROBB, 2013; JUNIOR, RODRIGUES, GUIMARÃES, 2015).

Para Santana e Funchal (2019) os cheques são cada vez menos utilizados quando comparados com o cartão de débito ou crédito, visto que os cartões com chip eletrônico eliminaram a assinatura do comprovante do pagamento com cartão e tornando os gastos do dia-a-dia cada vez mais facilmente esquecido. O que não ocorre quando empregado o cheque que obriga a pessoa escrever o valor de um cheque, forçando a memória do valor gasto. Assim na Figura 10 é possível observar a frequência de solicitações de empréstimos pelos colaboradores da empresa para quitar despesas do mês.

Figura 11 - Uso de empréstimos pelos colaboradores da empresa para quitar despesas do mês



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Da análise dos resultados é possível perceber que 50% da amostra algumas vezes pedem dinheiro emprestado para pagar suas despesas, 28% nunca passaram por essa situação, 9% frequentemente passam por isso e 13% sempre fazem uso desse tipo de atividade. Entende-se que esse descontrole provoca o endividamento devido à falta de planejamento financeiro.

Segundo da Silva (2018) às instituições financeiras, além de empréstimos, tem à disposição outros produtos e serviços que podem comprometer a renda se mal-empregados, como o cheque especial e as linhas de crédito rotativo, onde essa acessibilidade ao crédito é levada às últimas consequências, permitindo contrair os empréstimos diretamente nos caixas eletrônicos, de maneira simplificada e célere, sem que sejam analisadas a priori as circunstâncias específicas dos negócios jurídicos levados a efeito (LOPES, 2014).

Miotto (2013) enfatiza a necessidade ou desejo de consumo é premente e a renda, não permitindo a aquisição imediata do bem, o qual só é possível se recorrer às modalidades de crédito disponíveis no mercado financeiro para pessoas físicas: empréstimos, financiamentos, cheque especial ou cartões de crédito.

Considerações finais

Compreender a importância do diálogo com a população sobre o planejamento financeiro pessoal e familiar é uma tarefa fundamental para que seja assegurada a saúde financeira da população brasileira. Desenvolver ações relacionadas a esta temática poderiam contribuir com a redução do número de inadimplência que segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2018) é resultado da falta de planejamento e compreensão do ponto de equilíbrio do orçamento pessoal e/ou familiar.

A CNC (2018) realizou a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) com 18 mil consumidores em todas as unidades da federação, e que fora publicada em junho de 2018. Na análise dos resultados é possível constatar que 58,6% da população está inadimplente, em torno de 9,4% não possuem condições mínimas de efetuarem o pagamento dos débitos que constam em atraso.

Neste mesmo caminho, a pesquisa realizada dentro da referida empresa do ramo alimentício, com uma amostra de 100 colaboradores, foi possível notar que a uma grande parcela dos entrevistados se encontram inadimplentes e com dificuldades em realizar um planejamento financeiro para uma estabilidade financeira e para poupar seus ganhos, de acordo com os dados obtidos e apresentados nos gráficos anteriores, esse débito é resultado da falta de planejamento pessoal em relação às prioridades essenciais, além da inexistência de uma poupança para metas futuras ou até mesmo para eventuais emergências.

Outro dado que chama a atenção, é o índice de pessoas que fazem o pagamento da fatura mínima do cartão de crédito (cerca de 50%), que utilizam o cheque especial (em torno de 57%), além de que 70% dos colaboradores entrevistados recorrem a empréstimos para realizarem a quitação dos débitos em atraso. Esses dados apenas reforçam a importância da

realização desta pesquisa, com o intuito de contribuir com as empresas para que desenvolvam ações de conscientização para com seus servidores.

Portanto, nota-se que desenvolver ações que contribuam com a reflexão e construção de uma consciência crítica acerca do planejamento financeiro é fundamental não só para que o indivíduo deixe o *status* de inadimplente visto que pagar as contas em dia não significar inteligência financeira, mas para que a economia do país possa se desenvolver melhor e principalmente para que esse cidadão recupere a vitalidade no desempenho de suas atividades e conseqüentemente melhore sua condição de vida.

Por conseguinte, reafirma-se a imprescindibilidade da realização de um estudo aprofundado e direcionado as possíveis ações – ou até mesmo uma política de prevenção à inadimplência e um estudo com incentivos a planejamentos financeiro e a grande importância de poupar– que podem ser desenvolvidas pelas empresas empregadoras e prestadoras de serviços nesse serviço de crédito, e até mesmo pelas financiadoras de crédito pessoal, para reduzir o índice de instabilidade financeira, uma vez que um percentual bastante significativo afirma através das suas respostas ter um tempo instável atuando na empresa e com faixa salarial superior a duas vezes o piso salarial que demonstra que os recursos ganhos proporciona condições para um planejo financeiro e aplicações para poupar e investir sem danos.

Analisando os resultados da pesquisa percebe-se que os colaboradores possuem condições para realizar um planejamento financeiro, porém precisam de incentivos e promoções de evento na empresa que motive e explore a importância da inteligência financeira para melhor administração dos seus recursos, e contribuir para a construção e manutenção da inteligência financeira de seus colaboradores.

Desta forma, o presente estudo apresentou um panorama relacionado ao planejamento financeiro de parte dos colaboradores de uma multinacional do ramo alimentício localizada no município de Lucas do Rio Verde, proporcionando aos entrevistados um momento de reflexão sobre a importância do planejamento, motivando-os a compreenderem sua vida financeira e principalmente como se organizar para conseguir realizar suas metas e ainda poupar um percentual para eventuais imprevistos.

Referências

ANDRADE, R. M. **Qualidade de vida no trabalho dos colaboradores da empresa Farben S/A indústria química.** 2012. 52 f. Monografia de pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de educação financeira:** gestão de finanças pessoais. Brasília: BCB, 2013. Disponível em <https://www.bcb.gov.br>. Acesso: out. 2018.

BARBEDO, C. H. da S. **Finanças comportamentais.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

BARBOSA, M. J. da S., SILVA, M. A. da & PRADO, R. A. D. P. do. Orçamento doméstico: sondagem de opinião do consumidor no Pontal do Triângulo. IX CONVIBRA Administração, **Congresso virtual brasileiro de administração**, 2012. Disponível em <http://www.convibra.com.br>.

CENCI, J. J., PEREIRA, I., BARICHELLO R. Educação financeira, planejamento familiar e orçamento doméstico: um estudo de caso. **Revista Tecnológica**, v. 3, n. 2, p. 89-104, 2015.

CERBASI, G. **Como organizar sua vida financeira**: inteligência financeira pessoal na prática. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012.

CHEROBIM, A. P. M. S., ESPEJO, M. M. S. B. **Finanças Pessoais**: conhecer para enriquecer. São Paulo: Atlas, 2010.

CLAUDINO, L. P., NUNES, M. B., Silva, F. D. Finanças pessoais: um estudo de caso com servidores públicos. **Anais do SEMEAD-Seminários em Administração**, São Paulo, SP, Brasil, 2009.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor**. Disponível em <http://cnc.org.br>. Acesso em: out. 2018.

FERREIRA, V. R. M. **Psicologia econômica**: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

GIANETTI, E. **O valor do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JUBINI, T. da R. S., BALBINO, J. M. de S., BESSA, L. M. Finanças Pessoais: Uma Pesquisa com Servidores de uma Instituição de Ensino Pública Federal. **Revista Científica Intelletto**, v. 2, n. 1, p. 99-112, 2017.

JUNIOR, I. P. G., MELO, E. R., SILVA, K. S. Orçamento Familiar Como Ferramenta De Auxílio No Gerenciamento Dos Recursos Financeiros De Pais Universitários. **Ideias e Inovação-Lato Sensu**, v. 4, n. 3, p. 131-142, 2018.

KIYOSAKI, R. **Desenvolva sua inteligência financeira**. Editora Alta Books: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <https://books.google.com.br>. Acesso: set. 2018.

LIMA, R. A. D. A., FIGUEIREDO, F. N. L., JÚNIOR, R. V., VENTURA, A. F. A. Educação Orçamentária Familiar: Uma ferramenta que promove qualidade de vida no Sertão Paraibano. **Caminho Aberto Revista de Extensão do IFSC**, ano 3, v. 4, p. 1-9, 2016.

LOPES, L. B., LABANCA, T., GOMES, N., GOMES, N. Planejamento Financeiro: Como os Alunos do Curso de Ciências Contábeis Gerenciam seu Salário. **Anais do Seminário Científico da FACIG**, v. 1, 2017.

- MACHADO, R. P. A ética confucionista e o espírito do capitalismo”: narrativas sobre moral, harmonia e poupança na condenação do consumo conspícuo entre chineses ultramar. **Horizontes Antropológicos**, n. 28, 145-174, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso: out. 2018.
- MARGIOTTA, R., MEGALE, R. **Dinheiro no bolso 2: como fazê-lo render?** Rio de Janeiro: Seleções Reader's Digest. Reader's Digest, 2013.
- MARQUES, M. L. M., FRADE, C. **Regular o sobre endividamento**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003.
- MASSARO, A. **Como cuidar de suas finanças pessoais**. Conselho Federal de Administração – Brasília, DF: Conselho Federal de Administração, 2015. Disponível em <http://cfa.org.br/wp-content/uploads>. Acesso: out. 2018.
- MAURO, R. O consumo moderno como experiência romântica e estética, da imaginação à imagem. **Signos do Consumo**, v. 8, n. 1, p. 129-132, 2016. Disponível em <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: out. 2018.
- OCDE - **Organização para cooperação e desenvolvimento** (Organization for Economic Cooperation and Development). Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness, 2013. Disponível em www.oecd.org. Acesso: jul. 2019.
- ORTIGOZA, S. A. G., CORTEZ, A. T. C. (orgs.) **Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano**. Editora UNESP Cultura Acadêmica: São Paulo, 2009. Disponível em <http://books.scielo.org>. Acesso em: out. 2018.
- PADILHA, M. C. D. A influência do planejamento financeiro pessoal na consecução dos resultados: indivíduo/organização. **Revista Científica FacMais**, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em <http://revistacientifica.facmais.com.br>. Acesso: set. 2018.
- PEIC. **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor**. Disponível em www.cnc.org.br. Acesso: abr. de 2019.
- RETONDAR, A. M. A (re) construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 1, p. 137-170, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: out. 2018.
- ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, estudos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RUBERTO, I. V. G., DA SILVEIRA, V. G., VIEIRA, K. M., BENDER FILHO, R. A. **Influência dos fatores macroeconômicos sobre o endividamento das famílias brasileiras no período 2005-2012**. Estudos do CEPE, 2013.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do estudo científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. B. B. **Mentes consumistas: do consumismo à compulsão por compras**. São Paulo: Globo, 2014. Disponível em <http://politicaedireito.org>. Acesso em: out. 2018.

SILVA, F. C., DA SILVA, J. G. Devo Não Nego... Uma Análise da Gestão Financeira Pessoal dos Consumidores de Ituiutaba/Mg. **Anais do IV SINGEP**, São Paulo, SP, 2015.

SILVA, J. D. L., SOUZA, D. D., FAJAN, F. D. Análise do endividamento e dos fatores que influenciam o comportamento de alunos universitários. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, v. 12, 2015.

SOMAVILLA, A. S., DE OLIVEIRA, C. R. V., IKUTA, C. M. T., TAVARES, I. M. Educação financeira para crianças: relato de experiência de um projeto de extensão. **Caminho Aberto Revista de Extensão do IFSC**, v. 5, p. 15-25, 2017.

TRINDADE, L. **Determinantes da propensão ao endividamento: um estudo nas mulheres da mesorregião centro ocidental rio-grandense**. 2009. 101 f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, 2009.